"OS POBRES TAMBÉM SÃO GENTE" BREVE REFLEXÃO SOBRE O ESTADO DA CULTURA EM SANTARÉM, PORTUGAL[1]

"THE POOR ARE PEOPLE TOO" SHORT REFLECTION ON THE STATE OF CULTURE IN SANTAREM, PORTUGAL

Maria Teresa Lopes[*]

Resumo: Este artigo pretende analisar a obra de cultura popular desenvolvida na cidade portuguesa de Santarém durante o período do Estado Novo. A partir de expressões como "os pobres também são gente" e "todos têm direito à cultura" estudou-se a influência de um grupo privilegiado na difusão cultural dos mais desfavorecidos. Assim, abordaram-se os conceitos de cultura popular e identidade regional num período de implementação e afirmação do Estado Novo. A "política do espírito" defendida pelo regime de Salazar beneficiou de adaptações regionais como se pode verificar pela realidade vivida na cidade de Santarém. Aí, um grupo de homens liderado por Manuel Ginestal Machado definiu um amplo projecto de coordenação cultural que pretendeu alargar os horizontes dos menos favorecidos. Ao longo deste estudo, também se abordou a importância das associações culturais e recreativas na dinâmica cultural da cidade sem esquecer a estratificação social protagonizada por algumas. A partir dos estudos de Burke, Revel, Chartier e Eagleton estudou-se a possibilidade de definir a acção do homem em torno da acção cultural.

Palavras-chave: Identidade cultural, Cultura popular, Povo. Santarém, Estado Novo.

[*] Investigadora associada do Instituto de História Contemporânea da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. E-mail: teresarosario@sapo.pt

[1] Este texto é uma versão revista e ampliada do artigo de nossa autoria "Os Pobres também são Gente. Reflexão sobre o Estado da Cultura em Santarém entre o Fim da I República e o Estado Novo", publicado no **Correio do Ribatejo**, Santarém, n.º 6233, 3/12/2010, p. 10 (MOREIRA, 2010)

Abstract: This article analyses the work of popular culture developed in the portuguese city of Santarem during the New State. From expressions like "the poor are people, too" and "everyone has the right to culture" studied the influence of a privileged group in the cultural diffusion of the disadvantaged. Thus, addressed the concepts of popular culture and regional identity in a period of implementation and affirmation of the New State. The "politics of spirit" defended by the Salazar regime benefited from regional adaptations as shown by the reality lived in the city of Santarém. There, a group of men led by Manuel Machado Ginestal defined a broad cultural project coordination aimed at broadening the horizons of underprivileged. Throughout this study, also addressed the importance of cultural and recreational associations in the cultural dynamics of the city without forgetting social stratification starring some. From the studies of Burke, Revel, Chartier and Eagleton studied the possibility to define the action of man around the cultural action.

Keywords: Cultural identity, Popular culture, People, Santarem, New State.

Em Outubro de 1958, Manuel Ginestal Machado (1905-1964), vice-presidente do Círculo Cultural Scalabitano, escreveu num artigo publicado no **Álbum Ilustrado da Feira do Ribatejo** que a referida colectividade era "… uma instituição que se propõe efectuar uma verdadeira obra de cultura popular e criou nesta cidade um clima de paz e de boa compreensão entre os seus habitantes, propício à elevação espiritual do homem." (Álbum Ilustrado da Feira do Ribatejo, n.º 3, 1958, s/p). Numa entrevista publicada, nesse ano, pelo **Jornal do Ribatejo**, Ginestal afirmou:

> A razão fundamental que nos leva a consagrar a esta obra, reside no facto de reconhecermos que todos os homens têm direito à Cultura e aqueles que a sua situação privilegiada permitiu ascender a determinadas posições sociais e intelectuais, têm a obrigação moral de ajudar e facultar aos menos privilegiados todos os meios necessários ao seu aperfeiçoamento moral e intelectual, visto que todas as classes, dentro da boa ética social, devem conviver e compreenderem-se mutuamente, sem que hajam "compartimentos estanques", apesar dos credos e crenças que cada um possa professar. Se deste esforço resultar o aproveitamento de meia dúzia de valores, pelo menos, sentir-nos-emos satisfeitos e orgulhosos da obra que realizamos, pois reconhecemos que através da música e da arte, os homens se aproximam e se entendem (Jornal do Ribatejo, Santarém, n.º 3, 20/3/1958, p. 12).

Estas afirmações do dirigente, activista cultural e teórico sobre a temática levantam-nos algumas questões sobre a vida cultural da cidade de Santarém entre o final da I República e o Estado Novo. O que se entendia por cultura popular? De que maneira essa cultura popular permitia a união de classes sociais na cidade e consequentemente um "clima de paz e de boa

compreensão"? Essa abertura entre grupos sociais concretizou-se levando a que todos tivessem acesso à cultura? Aqueles que tiveram oportunidade económica e social de aceder à cultura utilizaram os meios ao seu alcance para difundi-la entre aqueles que tinham sido preteridos economicamente e socialmente? Será que essa integração na prática se concretizou conforme teorizou Ginestal de forma a estabelecer a proximidade e a união e hipoteticamente a paz e a felicidade? Qual o papel das outras associações recreativas e culturais da cidade "na consagração da obra"? Segundo Jacques Revel (1990), "o projecto cultural encontra-se profundamente ligado aos projectos políticos" (p. 95). De que forma o projecto cultural de Ginestal se encontrava ligado aos projectos políticos do poder local e consequentemente ao poder central e centralizador? Será possível definir todo o agir humano em termos das acções culturais?[2]

Este artigo insere-se numa pesquisa mais vasta que tem como objectivo conhecer a dinâmica cultural da cidade de Santarém entre 1930 e 1959, integrando-a na "política do espírito" defendida pelo Estado Novo. A partir de um local próximo geograficamente de Lisboa e longínquo da difusão cultural emanada pelo regime como foi a cidade de Santarém pretende abordar-se os movimentos culturais e os seus principais dinamizadores a fim de alargar o conhecimento sobre a "política do espírito" no mundo rural português no período em estudo. Para a elaboração deste trabalho analisou-se a imprensa regional onde se encontram publicados artigos de opinião escritos por homens ligados ao projecto cultural da cidade como Manuel Ginestal Machado, cruzando-os com estudos de referência sobre a história da cultura.

A estratificação social da cidade encontrava-se bem evidenciada aquando da constituição do Grémio Literário Guilherme de Azevedo, em 1906, herdeiro do Grémio de Santarém (1895-1906), uma vez que a "… grande parte dos elementos que o constituem é vedado o acesso ao Club de Santarém – como sejam o modesto comerciante e homem de negócio, o caixeiro, o operário, o oficial inferior do exército…" (O Debate, Santarém, n.º 722, 12/7/1923, p. 3.). De entre os amadores que integravam o Orfeão Scalabitano não se notavam:

> preocupações de categorias ou classes. É animador. Ali, só a natureza das vozes separa os elementos do grupo coral: não há artistas nem oficiais do exército, não se pergunta se este é caixeiro ou se aquele é proprietário – há baixos, barítonos, tenores e sopranos. E este estabelecimento de novas *gerarquias* é talvez o melhor condão da Arte musical na sua modalidade do canto coral. (O Combate, Santarém, n.º 38, 28/11/1925, p. 4).

[2] Questão elaborada a partir da obra de Burke (2005).

O Clube de Santarém era a colectividade onde as classes mais favorecidas da cidade se reuniam funcionando como um clube de acesso privado. Os sócios do Club podiam frequentar outras colectividades como Manuel Ginestal Machado, Artur Proença Duarte (1894-1969), Virgílio Arruda (1905-1989), Joaquim Barros e Matos (1883-1954), figuras presentes simultaneamente no Orfeão Scalabitano, na Associação Académica ou no Sport Club Scalabitano "Os Leões", enquanto todos os outros devido à sua condição social independentemente da sua situação económica, nem sequer tinham acesso à sede do Club. Em entrevista a João Gomes Moreira (1922-), este recordou que apesar de ser membro da comissão executiva da Feira do Ribatejo e do Festival Internacional de Folclore e homem próximo de Celestino Graça (1914-1975), nunca teve acesso ao pavilhão do Club na Feira por motivos sociais. Também a parte baixa da cidade, a Ribeira de Santarém, criou a sua colectividade de elite, em 1925, o Teatro Clube Ribeirense herdeiro do Grémio Musical Ribeirense (1911-1925). Apesar de nesta colectividade se denotar uma maior abertura social, não pode deixar de se citar o comentário de Custódia Júlia Arruda (1870-1959) em carta ao filho, perante a entrada excepcional "do Zé-Povinho" no teatro da colectividade:

> Anunciaram música às quintas-feiras na Ribeira [pela Banda dos Bombeiros]; pois o dia esteve sombrio, e só começou chovendo, mas bastante, apenas a música começou. Recolheu logo ao teatro [Club Ribeirense], e aí deu o concerto enchendo o Zé-Povinho, rapidamente os camarotes (AHCMSTR-VA, Carta de Custódia Júlia Arruda para Virgílio Arruda, Ribeira de Santarém, 26/4/1926).

A afirmação ainda se torna mais curiosa quando se verifica que Custódia Arruda acedeu à colectividade não por "questões de berço", mas porque o seu marido, o tipógrafo João Arruda (1868-1934), ganhou prestígio ao fundar o jornal **Correio da Extremadura** (1891-) e porque o seu filho, Virgílio Arruda, concluiu o curso de direito e veio a casar com Maria Gertrudes Lino Netto (1905-1989), filha do professor António Lino Netto (1873-1961). A mesma separação social aparecia reflectida na prática desportiva e na rivalidade entre o Sport Club Scalabitano os Leões (1911-1969) e o Sport Grupo União Operária (1919-1969) que se orgulhava das suas raízes populares e que durante a década de 50 foi gerido pelo padre Manuel Maria, pároco da freguesia de Marvila da cidade. A unificação destes dois clubes, em 1969, foi conflituosa exactamente pela dificuldade em juntar dois grupos sociais tão diferentes e adversos na União Desportiva de Santarém. Para José Fragoso, dirigente da Associação de Futebol de Santarém na década de 20,

> as certas elites intelectuais persistem no alheamento das massas populares, deixando-as entregues à sua ignorância primitiva –

> chamemos-lhe assim – e só intervêm em sessões solenes de assistência convidada selectamente, ou na imprensa com escritos doutos a acusarem a ignorância dos desportistas – (isto revela-se em todos os aspectos da vida social) – e apelidando de *snobs* os poucos, bem intencionados, que enfileiram nas linhas voluntárias das guerrilhas defensoras do desporto (Jornal de Santarém, n.º 87, 28/10/1928, p. 5).

No entanto, o povo tornou-se a preocupação de algumas empresas como a que fez, no início da década de 30, a gestão do Teatro Sá da Bandeira:

> No momento que a crise é tão grande, a digna empresa deste teatro, usou de um gesto verdadeiramente digno de atenção do povo scalabitano baixando os preços, de maneira que os pobres que também são gente, podem de ora avante, passar umas noites em agradável e instrutiva distracção, por um preço relativamente módico. E creio que isto representa mais que um benefício pecuniário. Porque, gastariam na taberna mais do que ali pagam por uma entrada. Além disso, a mesma empresa, procurará trazer filmes úteis e *instrutíveis* como tem feito ultimamente. É necessário instruir e educar o povo, que não podendo frequentar os teatros caros, possa ter o seu sempre aberto. Nem tão pouco há direito que assim não seja, numa cidade como Santarém. De resto, hajam fitas boas e nada mais é preciso. O povo será justo e saberá corresponder ao sacrifício que representa, para uma empresa manter assim, um teatro – cine, sempre aberto... (Notícias do Ribatejo, Santarém, n.º 14, 10/1/1932, p. 3).

A necessidade de educar o povo, de lhe proporcionar conhecimentos "úteis e instrutivos" que o afastassem das tabernas e dos maus vícios, ao mesmo tempo em que a cultura desse povo começava a exercer o fascínio de um escol que via nela o cimentar de uma "identidade regional" (CHARTIER, 2002, p. 179). A tomada de consciência da existência das "culturas regionais" torna-se um factor determinante para aqueles que defendem a criação da província do Ribatejo e que se encontra expresso nas actas dos Congressos do Ribatejo de 1923 e 1946-7. Em 1946, a Casa do Ribatejo tornou-se sócia do Orfeão Scalabitano com quem estabeleceu um grande intercâmbio cultural para além do apoio monetário (Livro de Actas da Direcção do Orfeão Scalabitano, n.º 7, 21/3/1946).

A presença do povo torna-se insubstituível nas exposições – feira que surgiram em Santarém a partir de 1925, sendo a de 1936 um marco desses certames e onde o povo foi apresentado nos seus *habitats* naturais ribatejanos do bairro à lezíria passando pela borda de água. Nestas mostras pretendia-se afirmar a importância de se ser ribatejano. Mas será possível ser ribatejano?[3] Quando nascemos integramos uma cultura da qual necessita-

[3] Formulada a partir da questão de Revel "Será possível ser bretão?" (REVEL, 1990, p. 71).

mos para sobreviver e com a qual criamos dependência, quer concordemos ou não com ela. Se essa cultura estiver em permanente contacto com outras pode ser facilmente modelada mesmo sendo algo que faz parte da nossa natureza (EAGLETON, 2003, pp. 128-9). A que podemos apelidar de popular? Segundo Roger Chartier, "Saber se pode chamar-se popular ao que é criado pelo povo ou àquilo que lhe é destinado é, pois, um falso problema. Importa antes de mais identificar a maneira como, nas práticas, nas representações ou nas produções, se cruzam e se imbricam diferentes formas culturais." (CHARTIER, 2002, p. 56). A cultura popular não passava só pela educação do povo. Este também podia revelar a sua genuinidade e fortalecer a cultura através dos seus usos, costumes, danças, cantares, trajes, romarias. Celestino Graça, devido à sua formação académica de regente agrícola formado na Escola de Regentes Agrícolas de Santarém, interessava-se pela terra, pela sua cultura e culturas. Defensor da criação da província do Ribatejo e das suas tradições percorreu lugares e lugarejos do concelho de Santarém, acompanhado pelo músico Bertino Coelho Martins (1927-) recolhendo as tradições do povo que apareceram reflectidas nos Grupos Folclóricos que criou na década de 50 e que ainda hoje permanecem como referência no campo da etnografia: os Grupos Académico e Infantil de Danças Regionais de Santarém, o Rancho Folclórico do Graínho e Fontainhas e o Rancho Folclórico do Vale de Santarém. Para além de escrever vários textos sobre a temática como **Folclore e Etnografia** (1969), **Sobre o Valor do Ribatejo no Folclore Nacional** (1971), **Impressões de um Congresso Mundial de Folclore** (1974), Graça apercebeu-se do meio de divulgação e propaganda que estes Grupos Folclóricos representavam ao actuarem perante personalidades como a Rainha Isabel II de Inglaterra (1957) ou em cruzeiros turísticos que paravam no porto de Lisboa. Graça criou o mito "onde chegam os campinos, treme a terra bate o chão" *("In Memoriam"* de Celestino Graça, Santarém, [s.n.], 1978).

Simultaneamente, a Orquestra Típica Scalabitana, fundada em 1946, tornou-se uma representante da cultura popular ribatejana, pelas músicas que interpretava como a "Marcha Ribatejana" de António Gavino ou pelos trajes regionais dos componentes, inicialmente oferecidos pelas Casas Agrícolas da região (1948). A Orquestra tornou-se um embaixador do Ribatejo ao actuar em espectáculos populares como os "Serões para Trabalhadores" e outros organizados pelo Secretariado Nacional de Informação (SNI), perante actores de Hollywood na sua passagem por Lisboa, em acções de propaganda em que a cultura aparecia aliada ao poder político. A Orquestra chegou a ser a protagonista do filme de propaganda "Sinfonia Ribatejana" (1953), realizado por Gentil Marques (Mundo Desportivo, Lisboa, 20/7/1953). Por convite do SNI, a Orquestra Típica foi filmada no Jardim das Portas do Sol, em Santarém, por cineastas representantes da Disney que se encontravam a

recolher informação para a série "Usos e Costumes dos Povos" (Correio do Ribatejo, Santarém, n.º 3255, 5/9/1953, p. 2).

O povo apareceu representado nas paradas das feiras onde "… alfaias, maquinaria agrícola, carros alegóricos e ranchos de mulheres do campo vão dar o pitoresco das cantigas e dos seus trajes..." (O Combate, Santarém, n.º 16, 27/6/1925, p. 5), nos cortejos das oferendas onde adornam com os seus trajes típicos os carros alegóricos que transportam as dávidas das Casas Agrícolas ao Asilo da Misericórdia, nas festas e romarias populares como as da Senhora da Saúde ou das Ómnias. O povo surgiu como figurante aos olhos da elite da cidade (REVEL, 1990, p. 53). O seu palco por excelência tornou-se, a partir de 1954, a Feira do Ribatejo impulsionada por um grupo de homens ligados à agricultura e unidos em nome da província do Ribatejo impulsionados por Celestino Graça. A este projecto uniram-se muitas das colectividades da cidade como o Club que manteve um pavilhão próprio, a Banda dos Bombeiros que participou em espectáculos e abrilhantou as touradas a que o poder político assistia, a Orquestra Típica, o Orfeão Scalabitano e o Círculo Cultural Scalabitano que actuaram em espectáculos no recinto da Feira, a Associação Académica com um espaço no recinto, a Associação Comercial que envolveu os comerciantes da cidade, os grupos desportivos que se associaram ao evento. A partir de 1958, o Festival de Folclore passou a ter um papel de importância na divulgação da "cultura popular" e do conhecimento de "o outro" quando se internacionalizou. Pela primeira vez, os ribatejanos tomam conhecimento dos usos e costumes de países próximos como Espanha e França e longínquos e proibidos como a Hungria, a Checoslováquia e a Polónia. Em 1964, o evento passou a chamar-se Feira Nacional da Agricultura ao receber o Brasil que se instalou com um pavilhão próprio onde a cultura estava presente através da projecção de filmes e a venda de livros, editados pelos "Livros do Brasil", a preços módicos, fortalecendo os hábitos de leitura daqueles que procuravam as bibliotecas das colectividades (Orfeão Scalabitano, Club Literário Guilherme de Azevedo, Associação Comercial, Associação Académica, Associação dos Bombeiros Voluntários, Associação Académica, Sociedade Recreativa Operária, Club de Santarém) e a Biblioteca Municipal para enriquecer os seus conhecimentos e alargar os seus horizontes. Estas "bibliotecas de empréstimo" (REVEL, 1990, p. 147) foram constituídas através de doações de sócios generosos de forma a fomentar a leitura daqueles que só assim teriam acesso ao livro. Também a Biblioteca Municipal recebeu doações de "velhos republicanos" como Anselmo Braamcamp Freire (1949-1921), Manuel António das Neves (1857-1927), Pedro António Monteiro (1843-1928), Ernestino Paiva de Sá Nogueira (1851-1925) ou vultos da cultura da cidade como Virgílio Arruda, Adelaide Félix (1896-1971), Eduardo Figueiredo (1904-1983), Júlio da Costa Pinto (1884-1969) e mais recentemente Joaquim Veríssimo Serrão (1925-).

Na segunda metade da década de 40, no rescaldo da II Guerra Mundial, o associativismo escalabitano viveu um período de mudança com a constituição do Grupo de Coordenação Cultural (1944) dinamizado por Manuel Ginestal Machado. O Grupo pretendia a união de esforços entre as associações da cidade de forma a elevar o nível cultural e intelectual das classes mais desfavorecidas levando-as a assistir a espectáculos e a conferências gratuitamente. Os impulsionadores deste movimento deslocaram-se a Lisboa a fim de obter apoios e reforçar aqueles que tinham obtido através da Câmara Municipal, do Governo Civil e da Junta de Província do Ribatejo. Nas palavras do advogado Humberto Lopes "… Santarém (…) no que respeita à cultura [era] uma pequenita Atenas…", reforçando que "… todo o esforço nesse sentido tem o aplauso do povo…" (Vida Mundial Ilustrada, Lisboa, 4/4/1946). Ao Grupo de Coordenação Cultural aderiram associações e sindicatos da cidade com o objectivo de promover a cultura. A ele ficaria ligado um vasto plano de acção que ia desde a criação de jardins escolas, exposições, conferências, teatro, cinema e cursos nocturnos gratuitos. O primeiro espectáculo gratuito realizou-se a 9 de Dezembro de 1944, no teatro Rosa Damasceno cedido, livre de encargos, pela direcção do Club de Santarém. Os convites foram distribuídos e reservados aos sócios das colectividades promotoras do movimento, estudantes, seminaristas, asilados e "classes pobres". Na presença das forças políticas da cidade e da direcção da Casa do Ribatejo apresentou-se um sarau abrilhantado pela Banda dos Bombeiros e pelo grupo coral e orquestra de câmara do Orfeão Scalabitano. Aníbal Piló, empregado dos Correios na cidade e dirigente associativo, publicou um artigo intitulado "Cultura" onde referiu a importância do Grupo para a difusão cultural perante os mais desfavorecidos que precisam de "ler, ouvir, ver, auscultar" para fugirem "da escravidão humilhante da ignorância". O Grupo criou "um ambiente propício" e

> resolveu trazer até Santarém alguns homens de comprovada competência para nos ensinarem alguma coisa do muito que temos a aprender. Aqueles que nada sabem alguma coisa aproveitarão. Aqueles que, apesar de não saberem tudo, alguma coisa já sabem, e que procuram na cultura um meio de dignificação social, um enriquecimento de meios de defesa e, vamos lá, ensejos de recriação espiritual, perdoarão o pouco que lhe oferecemos e, estamos certos, apoiarão os nossos esforços (Correio do Ribatejo, 13/4/1946, p. 6).

O apogeu do Grupo deu-se com a organização regional e participação no II Congresso Ribatejano através das alocuções de Ginestal Machado, Humberto Lopes e Celestino Graça sobre intervenção cultural, educação e técnicas agrícolas.

Em 1943, o Orfeão Scalabitano reapareceu por iniciativa de Manuel Ginestal Machado e Artur Proença Duarte considerando que todos os ho-

mens deviam ter acesso à cultura independentemente das suas origens sociais, devendo existir um fraterno convívio entre todos conforme defendeu o primeiro dirigente numa entrevista publicada em 1945, aquando de uma visita à cidade da Covilhã:

> a amizade e a confraternização eram verdadeiros esteios, pois não havia diferenças de categorias sociais nem de credos políticos, mas sim uma finalidade: harmonia, fraternidade e arte. Todos os Orfeões devem ser escolas de espírito comum, de elevação moral, de aumento da instrução e de elevado culto pela Arte (Notícias da Covilhã, Covilhã, 2/6/1945).

O Orfeão Scalabitano organizou viagens que percorreram diversos locais como Beja, Figueira da Foz, Covilhã, Aveiro, Leiria, Coimbra. Juntos, ricos e pobres, patrões e empregados partilhavam os mesmos espaços desde a camioneta, ao almoço convívio, dos locais visitados até ao sarau cultural. As deslocações tornaram-se populares assim como o conhecimento de novos espaços geográficos. Viajar também alargava horizontes e permitia estabelecer contactos culturais. Portugal tornou-se mais perto e mais conhecido, "por via da regra nós portugueses, mal conhecemos o nosso país" e facultando "… aos nossos conterrâneos um instrumento de ilustração; nas viagens há sempre que aprender da Natureza, dos costumes da língua, das tradições." (Jornal de Santarém, n.º 61, 8/5/1926, p. 1). O poder político local, consciente dessa importância, apoiava essas visitas e acompanhava-as, usando-as como meio de propaganda. A felicidade dos rostos expressa nas fotografias dos grupos reflectia o novo conhecimento daqueles que pela primeira vez ultrapassavam as fronteiras da Nazaré. Ao Orfeão uniram-se outras colectividades na divulgação do seu trabalho cultural, como a Banda dos Bombeiros.

Sempre no espírito da "cultura popular", muitas das colectividades organizaram grupos cénicos (Orfeão Scalabitano, Associação Académica, Associação dos Bombeiros Voluntários, Club Literário Guilherme de Azevedo, Grupo de Futebol os Empregados no Comércio os Caixeiros, Teatro Club Ribeirense) que escolheram muitas das vezes temas revisteiros e populares onde a região aparecia representada de forma a preservar a "identidade ribatejana", complementados com os clássicos de Moliére, Shakespeare, Almeida Garrett, Gil Vicente, D. João da Câmara, Júlio Dantas, Marcelino Mesquita. Muitos destes amadores representavam simultaneamente em diversas colectividades, o mesmo sucedendo com os encenadores. A 3 e 4 de Maio de 1946, o Orfeão Scalabitano e a sua Orquestra de Câmara apresentaram a opereta em dois actos "Um Homem do Ribatejo" com música do maestro Belo Marques (1898-1986) e textos do coronel Alberto Cardoso dos Santos (1876-1964), onde a figura e a coragem do campino são enalte-

cidas, apesar de as diferenças sociais o afastarem da mulher amada e proprietária das terras de onde muitos suavam o seu sustento. O tema foi abordado no cinema, no mesmo ano, pelo realizador escalabitano Henrique Campos (1909-1983) que escolheu para protagonistas Eunice Muñoz, Barreto Poeira e a fadista Hermínia Silva. A 31 de Maio de 1949, o Orfeão Scalabitano estreou a fantasia regional em um acto e oito quadros "Portas do Sol", com textos de Joaquim Veríssimo Serrão e Henrique Vigário (1897-1954) e partitura de Eduardo Loureiro, numa alusão ao nome do jardim, cartão-de-visita da cidade. Segundo os autores pretendia evocar-se:

> … as origens lendárias da velha Scalabis para, através da epopeia da Fundação, vir até ao presente, a glorificar o esforço da terra e da grei ribatejana, com suas festas e tradições, sua faina de campinos e ceifeiras, ganhões e pescadores. A "festa brava" teve as honras do estilo, tudo amenizado pelo comentário faceto às coisas do burgo (Vida Musical. Boletim do Orfeão Scalabitano, n.º 1, Dezembro de 1949, pp. 10-11).

O carácter regionalista encontrava-se expresso nos títulos dos quadros ("Como nasceu Santarém", "Portas do Sol", "Folclore Ribatejano", "Ceifeiras", "Ribatejo Mártir", "Sol e Toiros", "Senhora da Piedade" e "Ribatejo em Festa") e na letra da "Marcha das Ceifeiras" e dos fados "Ribatejo Mártir" e "Portas do Sol". Estes últimos abordavam as características e belezas da cidade e da lezíria, o touro e o campino, o flagelo das cheias do Tejo, a vida dura dos pescadores do rio que o "compère" Zé Santareno mostrava ao turista que visitava Santarém.

A 14 e 15 de Fevereiro de 1950, o Club Literário Guilherme de Azevedo apresentou a revista em dois actos e catorze quadros "Ondas Curtas", com textos de Álvaro de Castro e música de Adriano Pereira. Estes espectáculos estrearam no Teatro Rosa Damasceno, gentilmente cedido pelo proprietário Club de Santarém, e envolveram produções de grandes dimensões com a participação de dezenas de intérpretes amadores de vários estratos sociais e culturais. Estes temas populares e referentes ao quotidiano de muitos foram um êxito ainda hoje de boa memória, sendo complementados com espectáculos mais eruditos que aproximavam a cultura de Lisboa a Santarém. O Orfeão Scalabitano, através de Manuel Ginestal Machado, adquiriu bilhetes para que os orfeonistas mais "pobres" que "também são gente" pudessem aceder à cultura que tinham direito, como sucedeu a 1 de Junho de 1946 para assistirem ao espectáculo da companhia teatral "Os Comediantes de Lisboa" dirigida pelo actor João Villaret. No entanto, tal como afirmou Peter Burke, definir cultura popular em oposição à cultura erudita é um problema que nos leva à antropologia em parte devido à dificuldade em definir cultura (BURKE, 2005, p. 44).

Considerações Finais

Tal como Burke afirmou torna-se difícil definir cultura e aplicar esse possível conceito no percurso de uma pequena cidade de província. Para Ginestal Machado, aqueles que tiveram acesso à cultura deviam difundi-la aos mais desfavorecidos, partindo do pressuposto que as dificuldades financeiras limitam o acesso ao conhecimento e porque nem só de pão vive o homem. A noção de cultura defendida e aplicada por Ginestal pretendia aproximar a cultura popular da cultura erudita. Se durante o dia, a estratificação social afastava os ricos dos pobres, os patrões dos empregados, à noite essa união concretizava-se em torno da cultura. O papel do associativismo foi fundamental para que tal sucedesse levando ao "clima de paz e de boa compreensão". A maioria daqueles que se uniram em torno do projecto cultural de Ginestal considerava que a sua missão passava pela difusão cultural, enquanto outros optaram por tentar recolher "a dita cultura popular". Celestino Graça foi um dos que escolheu percorrer a província do Ribatejo para recolher canções, danças, costumes e trajes populares expressivos da identidade cultural regional. Estes projectos encontram-se inevitavelmente ligados à "política do espírito" que os estimulava e financiava criando a ilusão que "todos tinham direito à cultura" como defendia Ginestal.

Referências

Fontes:

AHCMSTR-VA, Carta de Custódia Júlia Arruda para Virgílio Arruda, Ribeira de Santarém, 26/4/1926.

Álbum Ilustrado da Feira do Ribatejo, dir. António M. Rodrigues, n.º 3, Santarém, [s. n.], Outubro de 1958, s/p.

Correio do Ribatejo, Santarém, n.º 2868, 13/4/1946, p. 6

Correio do Ribatejo, Santarém, n.º 3255, 5/9/1953, p. 2.

"In Memoriam" de Celestino Graça, Santarém, [s.n.], 1978.

Jornal de Santarém, Santarém, n.º 61, 8/5/1926, p. 1.

Jornal de Santarém, n.º 87, 28/10/1928, p. 5.

Jornal do Ribatejo, Santarém, n.º 3, 20/3/1958, p. 12

Livro de Actas da Direcção do Orfeão Scalabitano (1946-1950), Santarém, n.º 7, 21/3/1946.

Mundo Desportivo, Lisboa, 20/7/1953.

Notícias da Covilhã, Covilhã, 2/6/1945.

Notícias do Ribatejo, Santarém, n.º 14, 10/1/1932, p. 3.

O Combate, Santarém, n.º 16, 27/6/1925, p. 5.

O Combate, Santarém, n.º 38, 28/11/1925, p. 4.

O Debate, Santarém, n.º 722, 12/7/1923, p. 3.

Vida Mundial Ilustrada, Lisboa, 4/4/1946.

Vida Musical. Boletim do Orfeão Scalabitano, n.º 1, Dezembro de 1949, pp. 10-11.

Bibliografia

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

CHARTIER, Roger. A História Cultural entre Práticas e Representações. Lisboa: Difel, 2002.

EAGLETON, Terry. **A Ideia de Cultura**. Lisboa: Temas e Debates, 2003.

MOREIRA, Teresa Lopes. "Os Pobres também são Gente". Reflexão sobre o Estado da Cultura em Santarém entre o Fim da I República e o Estado Novo In **Correio do Ribatejo**, Santarém, n.º 6233, 3/12/2010, p. 10.

REVEL, Jacques. **A Invenção da Sociedade**. Lisboa: Difel, 1990.

Artigo recebido em 21/04/2012, aceito para publicação em 04/11/2012 e publicado em 20/12/2012.